

Cidadania na comunicação radiofônica: uma experiência de mídia alternativa e itinerante¹

Kátia Fraga²

Murilo Rodrigues Alves³

Pedro Ivo Nunes Almeida⁴

Titina Maia Cardoso⁵

RESUMO: Com o objetivo de compartilhar a experiência de construção conjunta de uma mídia comunitária alternativa, este artigo relata os processos de idealização, criação e execução da Rádio Itinerante Cultural Palmares, veiculada no município de Ponte Nova, Zona da Mata Mineira. Resultante de um projeto de extensão do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, a emis-

sora comunitária criada em parceria com o Grupo Afro Ganga Zumba, tornou-se um meio de difusão da cultura, da cidadania, de identidade, valores, costumes e questões afro-brasileiras, tantas vezes negligenciadas pela grande mídia, pela irradiação de programas radiofônicos em espaços públicos da cidade com conteúdo jornalístico e cultural produzido pela comunidade e apresentação de atrações culturais locais.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio itinerante. Comunicação comunitária. Cidadania.

A importância de uma rádio comunitária para as pessoas? Vou te falar a coisa mais simples que as pessoas que vêm aqui não têm noção. Só de vocês estarem vindo aqui é a coisa mais importante. Aqui não vinha ninguém. Aqui só vinham helicóptero, cachorro, cavalo e a polícia para bater nos outros. Só isso que vinha. Mais ninguém passava ali do final do asfalto para cá, porque todo mundo era bicho. Nós conseguimos reverter essa situação, apanhando, confrontando e tal. Agora todo mundo vem. Porque todo mundo aqui é gente {...}. (PRATA, 2003:18)

¹ Além dos autores, participam do projeto “Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afro-brasileira”, desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa (UFV), os estudantes Fernanda Mendes Viegas, Samanta Martins Nogueira, Monizy Amorim da Rocha Braz, Luiz Nemer Neto (estudantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV) e João Marcos dos Santos Júnior (estudante do curso de Agronomia da UFV) e o jornalista José Tarcísio da Silva Oliveira Filho, ex-aluno da UFV, bem como os integrantes do Grupo Ganga Zumba, de Ponte Nova (MG).

² Coordenadora de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da mesma instituição. Email: katiatfraga@ufv.br

³ Formado em Letras, habilitações em Português, Inglês e Literaturas, pela Universidade Federal de Uberlândia; graduando em Comunicação Social/Jornalismo da UFV. Email: muroal@gmail.com

⁴ Graduando em Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: pedronunes88@gmail.com

⁵ Graduanda em Comunicação Social/ Jornalismo na UFV. Email: titina.cardoso@gmail.com

I. INTRODUÇÃO

A declaração de Misael Alvelino dos Santos⁶ retrata a dimensão social e política proporcionada pela criação da Rádio Favela, uma das mídias comunitárias mais desbravadoras e de maior visibilidade no cenário histórico da radiodifusão brasileira. Fundada em 1979, na favela do Cafezal, em Belo Horizonte, a emissora tomou corpo pela voz firme de Misael, que, junto com um grupo de amigos, decidiu construir um aparelho para conquistar espaço nas ondas sonoras. A emissora, porém, ficou vinte anos na clandestinidade e somente em fevereiro de 2000 recebeu autorização do Ministério das Comunicações para operar como emissora educativa, depois de muita luta e manifestações da comunidade local e de parceiros conquistados ao longo dos anos.

Perpassamos, inicialmente, a trajetória dessa emissora para ilustrar que a busca por uma mídia alternativa aos veículos comerciais é uma forma de garantir não somente o direito de se comunicar, mas de unir forças para o exercício pleno de cidadania, por melhorias na qualidade de vida, incluindo a educação, a saúde, entre outros direitos e conquistas.

Neste artigo, pretende-se apresentar a experiência de criação de uma rádio alternativa itinerante na Zona da Mata Mineira, cujos objetivos se assemelham àqueles dos idealizadores da Rádio Favela, ou seja, a importância de uma dada comunidade de “ser sujeito de sua própria história”, como preconiza Cicília Peruzzo (1999, p 257-258), uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre as mídias comunitárias e os movimentos populares.

2. O QUE É UMA RÁDIO ITINERANTE?

O veículo de comunicação alternativo em questão surgiu de um projeto de extensão intitulado *Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afrobrasileira*, criado a partir de uma parceria firmada entre o Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e o grupo afro Ganga Zumba, de Ponte Nova, região da Zona da Mata Mineira.

O projeto foi implantado em março de 2008, com o objetivo central de viabilizar um espaço midiático capaz de permitir que os integrantes do grupo descendente dos quilombolas sejam seus próprios agentes sociais no processo comunicativo, sem a mediação de emissoras convencionais, como ocorre, na maioria das vezes, de forma efêmera e unilateral.

Dessa forma, contribuímos para a propagação dos debates em torno da questão afro-brasileira e sua valorização na contemporaneidade, entre outros assuntos de interesse da população local. A criação da Rádio Itinerante Cultural Palmares buscou concretizar o anseio desta comunidade, através da veiculação

⁶ Entrevista concedida à pesquisadora Nair Prata para o artigo **História do Rádio em Minas Gerais**. In: HAUSSEN, Doris Fagundes e CUNHA, Magda (Org.). **Rádio Brasileiro Episódios e Personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

de programas radiofônicos em uma mídia comandada pelos próprios moradores.

A veiculação não é feita por uma emissora comercial, nos padrões convencionais e nem pode ser classificada como *rádio comunitária*⁷, já que não possui concessão do Ministério das Comunicações para funcionar numa frequência radiofônica. Não há, dessa maneira, veiculação por meio de uma emissora, dentro de um estúdio convencional. Nossa *Rádio Itinerante*, como o próprio nome diz, transcende o engessamento dessa capacidade de penetração das ondas sonoras, já que nossa proposta é cruzar fronteiras, ampliar horizontes, para garantir a troca de conhecimentos e a democratização das discussões reflexivas em torno da produção e da importância histórica e social da cultura afro-brasileira, presente no Ganga Zumba.

Consideramos sua concepção de conteúdo, produção e realização de caráter comunitário e cidadão porque seguem os parâmetros de uma rádio comunitária em seus conceitos, sentimentos e sentidos, dando vez e voz a um grupo de pessoas movidas por anseios, sonhos e reivindicações, a partir de elos identitários formados em torno de uma determinada região.

Trata-se, portanto, de uma mídia comunitária alternativa, que não conta com estúdio tradicional. Funciona apenas com caixas de som, microfones e outros equipamentos instalados nos locais das apresentações radiofônicas itinerantes, em praças públicas para veiculação “ao vivo”⁸ dos programas.

Os programas radiofônicos são feitos para quem está assistindo. Pode-se tomar como exemplo de Rádio Itinerante a proposta do Programa Gente Nossa, desenvolvido em Venâncio Aires – RS. Segundo Kroth (2006), o programa é itinerante quando colocado em local público, onde se desenvolvem, ao vivo, todos os quadros, criando-se uma interação entre os apresentadores e o público. A autora ainda ressalta que um dos principais benefícios da rádio itinerante é a sua mobilidade, já que não se limita apenas a um bairro, mas se fixa em uma região para cada apresentação, fazendo um estudo local para a inserção de temas pertinentes àquela comunidade.

A criação da Rádio Itinerante Cultural Palmares visou a proporcionar a criação de um espaço público permanente de discussões e reflexões em torno da ressignificação da identidade, da consciência negra e de questões voltadas para a cidadania.

3. MÍDIA ALTERNATIVA, COMUNICAÇÃO CIDADÃ

Consideramos que a proposta da criação dessa Rádio Itinerante surge com o intento de grupo de compartilhamento e interação entre os integrantes do Ganga Zumba e com outras organizações populares e comunidades da Zona da Mata mineira. Isso foi possível pela concepção, produção e veiculação de cada edição de

⁷ A radiodifusão comunitária é regida pela Lei nº 9.612/98, que prevê a permissão de funcionamento de uma rádio comunitária mediante apenas uma concessão para funcionamento emitida pelo Ministério das Comunicações, o que demanda anos de espera, em geral. Além disso, o alcance da emissora é limitado a um quilômetro de raio a partir da antena transmissora, tendo a potência do transmissor no máximo 25 watts.

⁸ Ao vivo na linguagem audiovisual significa que o programa está sendo veiculado no exato momento de sua apresentação, sem gravação prévia.

programas radiofônicos relacionados com as ações e os debates promovidos pelo grupo, ampliando as reflexões acerca da questão afro-brasileira.

Conforme Peruzzo (1999), a busca por uma mídia alternativa é garantia não só do direito de se comunicar, mas de unir forças por melhorias na qualidade de vida. O conteúdo difundido deve ser pensado *pelo* e *para* os ouvintes-moradores abordando assuntos relevantes para a comunidade. Faz-se necessário à mídia alternativa ocupar esse lugar por dois motivos: o *primeiro* está relacionado à ausência de políticas públicas que garantam às pessoas princípios que, mesmo sendo básicos e conhecidos por todos, estão ausentes da vida da maioria da população do país e parecem ser privilégio de uns poucos; o *segundo* se deve ao fato de que entre os poucos privilegiados que possuem todos os direitos básicos preservados estão os que são proprietários dos veículos de comunicação do país. Como são originados de uma realidade diferente da maioria da população, esses donos das mídias não se preocupam em deixar espaço nas programações de suas emissoras aos anseios e desejos da maioria da população.

Para que eles possam ser ouvidos, é preciso que os “sem voz” e “sem vez” na grande mídia se organizem, muitas vezes em comunidades, em busca de terem os seus direitos essenciais contemplados, inclusive o de poderem se comunicar e de expressar livremente o que pensam.

O conteúdo difundido pela rádio comunitária deve abordar temas relevantes para a comunidade e valorizar a cultura local que, na maioria das vezes, é negligenciada pela grande mídia. De acordo com Peruzzo (2003), para a rádio exercer realmente o papel de veículo alternativo de informação na comunidade, é necessário seu real envolvimento na produção do material a ser irradiado.

Comunidade pressupõe a existência de uma proximidade – que pode ser geográfica, mas que não se limita a ela – e de elos profundos entre os membros, como o sentimento de pertença, identidades e comunhão de interesses. Assim sendo, a *comunicação comunitária* diz respeito a um processo comunicativo que requer o envolvimento das pessoas de uma ‘comunidade’, não apenas como receptoras de mensagens, mas como protagonistas dos conteúdos e da gestão dos meios de comunicação. (PERUZZO, 2003, p. 246)

A rádio comunitária tem o poder de ampliar horizontes, pois permite a troca de conhecimentos e a democratização de debates excluídos da agenda pública, já que concede espaço para a produção local e para a discussão de temas de interesse da comunidade. Na concepção de Rubim (2003), além de fortalecer os movimentos populares, pode servir como instrumento de desenvolvimento pessoal dos cidadãos.

(...) Caberia reconhecer que a comunicação, ao transmitir informações, sem dúvida, aparece como um dos requisitos essenciais para a realização da cidadania, desde a modernidade, e para a concretização de uma cultura política democrática, pois sem informação livre, plural e disponível, sem um conhecimento consistente do mundo e

de seus assuntos, fica inviável a constituição de opiniões legítimas e independentes (...) (RUBIM, 2003, p.111)

Nessa perspectiva, a rádio comunitária agrega as pessoas, despertando um sentimento de pertencimento de uma dada sociedade ou grupo, já que é regida por aspirações coletivas, sejam elas culturais, sociais, políticas ou religiosas, mas com um mesmo objetivo: a luta simbólica pelo conhecimento e reconhecimento.

As experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. Ela ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e dos conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local. Dá voz, pela própria voz, a quem era considerado sem voz". (PERUZZO, 1999, p.302)

Em seu artigo "Cidadania, Meios de Comunicação de Massas, Associativismo e Movimentos Sociais", Maria da Glória Gohn (2003) desenvolve o conceito de cidadania coletiva, cujo enfoque "se desloca do conceito tradicional – centralizado no indivíduo (em seus direitos civis ou políticos), para a cidadania de grupos coletivos que vivem situações similares, do ponto de vista da forma como são excluídos ou incluídos numa dada realidade social." Sendo assim, a comunicação comunitária pode ser um instrumento para dar voz a uma coletividade unida tanto por motivos socioeconômicos (pobreza, desemprego) quanto por razões identitárias ou culturais (raça, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc.).

É importante ressaltar um aspecto notado por Peruzzo (2003): no final do século XX, para muitos estudiosos de comunicação, "não fazia mais sentido falar de comunicação popular e comunitária diante do vigor demonstrado pelo processo de globalização." Porém, mesmo com a corrida globalizante e o fortalecimento de oligopólios comunicacionais, as mídias comunitárias não perderam seu espaço.

As explicações para esse fenômeno se circunscrevem nos meandros dos complexos processos das relações sociais, em que interesses das pessoas e das instituições perpassam as dinâmicas do singular e do universal. Ou seja, às pessoas não interessam somente as questões do âmbito universal e nacional, mas também os acontecimentos, as organizações, e as relações sociais que lhe estão próximos. Interessam-lhes os assuntos que dizem respeito à vida do bairro, da vila, da cidade ou do município onde vivem. (PERUZZO, 2003, p.245)

Peruzzo (2003) também discorre sobre a mudança estrutural ocorrida com a comunicação comunitária. Na sua avaliação, esse tipo de comunicação esteve tradicionalmente associado aos movimentos sociais, como instrumento combativo diante da opressão. Hoje, ele continua dando voz "a quem era considerado sem voz", todavia não trata só de problemas, mas de temas locais, abrindo espaço para artistas do lugar e para avisos de utilidade pública.

Uma rádio comunitária desperta o sentimento de pertencimento nos moradores e fortalece os laços afetivos dos integrantes da comunidade contribuindo na formação da sua identidade. Bauman (2003) esclarece que o termo *comunidade* carrega com ele não só significados como também sensações positivas. Para o autor, a comunidade é um lugar de aconchego, onde seus integrantes encontram proteção do “mundo real”. Isso porque, diferentemente do mundo capitalista que cobra sempre uma competição entre as pessoas, a comunidade é o lugar onde todos são bons, procuram exercer a bondade e, ao mesmo tempo, têm a garantia de que há uma solidariedade mútua.

Nessa perspectiva, a comunidade é uma espécie de paraíso. O grupo Ganga Zumba vivencia esse espírito de partilha, de promoção da cultura dos seus ancestrais. No mundo contemporâneo, marcado pela competitividade e pelo individualismo, várias comunidades buscam a manutenção de suas raízes e da solidariedade por meio da constituição da *identidade*. Ao mesmo tempo em que se procura ser singular, diferente, as pessoas, em busca de identidade, também recorrem ao que o autor chama de “comunidades-cabide”. É um lugar seguro em meio às incertezas individualmente enfrentadas.

A identidade tem na memória um de seus pilares. Fraga (2005), citando Bourdieu, lembra que a memória é um elemento fundamental para a constituição de identidade, muitas vezes fortalecida pelo regionalismo, permitindo a formação de um conceito de grupo, uma autoconsciência comunitária, ao mesmo tempo em que possibilita a diferenciação perante a alteridade. Enne (2004) salienta que a mídia é fundamental para a construção de identidades a partir de práticas narrativas:

No jogo de construção de identidades sociais contemporâneas, neste movimento constante de fluxos e interações, a mídia ocupa um papel fundamental. Se compreendermos (...) que a memória é uma dimensão fundamental na constituição das identidades e que envolve práticas narrativas e gerenciamento do real através de práticas discursivas, a mídia é, por definição, lugar central deste processo. (ENNE, 2004, p.15)

Maurice Halbwachs (1990) preconiza que nossas lembranças ocorrem num contexto social no qual estivemos envolvidos direta ou indiretamente. Segundo esse conceito, as nossas lembranças fazem parte de quadros sociais a partir de referências de um determinado ambiente coletivo. As situações vivenciadas individualmente são resultado de acontecimentos, de relações em grupo, produzindo mudanças, transformações ou, até mesmo, garantindo a manutenção de quadros comportamentais, indicando que a memória é construção do presente a partir do passado, com motivações atualizadas.

Para Pollak, a memória é um fenômeno construído coletivamente, capaz de despertar o sentimento de pertencimento e de identidade:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e

que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.205)

Nesse aspecto, podemos considerar que a identidade é um produto do meio, com base nas discussões de Bourdieu (1989). Sob a ótica da regionalização, o autor considera que os critérios étnicos, como língua, dialeto ou sotaque são objetos de “representações mentais” da prática social de indivíduos de uma dada região comum, configuradas por bandeiras, emblemas, entre outras significações coletivas.

O discurso regionalista é performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada (...). O ato de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias ‘étnicas’ ou ‘regionais’, como as de parentesco, instituem uma realidade usando o poder de revelação e de construção exercido pela objetivação no discurso”. (BOURDIEU, 1989: 112-117).

É na participação intrínseca da comunidade que se podem evidenciar os benefícios mais relevantes proporcionados pelas ondas do rádio, notados tanto no desenvolvimento pessoal dos cidadãos, quanto no fortalecimento dos movimentos populares:

As experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. Ela ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e dos conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local. Dá voz, pela própria voz, a quem era considerado sem voz”. (PERUZZO, 1999:302)

De acordo com Peruzzo (1999), os movimentos sociais populares brasileiros “estão construindo algo de novo, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e por um ‘querer fazer’ democrático” (PERUZZO, 1999:148). E nesse esforço eles precisam criar meios de expressar suas necessidades últimas, suas ideias primeiras. Expressar sua essência de forma direta, sem intermediações. Apesar de todas as limitações estruturais e circunstanciais, as rádios comunitárias são efetivos artifícios dessa expressão. Por terem em seu cerne a questão participativa, esses meios de comunicação proporcionam mais que a propagação autêntica de ideias.

Peruzzo aponta uma série de contribuições advindas da participação da comunidade na transmissão das ondas sonoras. Ela pontua que a Comunicação Popular contribui para reelaboração de valores condizentes com o exercício da cidadania; proporciona a formação de identidades; preserva a memória coletiva, já

que “ao documentar decisões, programas e fatos relacionados com os processos de organização dos movimentos concorre para registrar a história desses”; e, sobretudo, porque estimula a conquista da cidadania.

Cidadania essa, entendida aqui como a qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. E para que possa ser efetiva, não só na definição, a cidadania, de acordo com Peruzzo (1999), tem que ser “um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se o seu status à qualidade da participação” (p.285).

Bauman (2003) classifica, assim, a importância de uma comunidade ética: uma rede de responsabilidades de longo prazo entre seus membros, geradora de direitos e obrigações que não podem ser transferidos. Além disso, há o que o autor denomina de “compartilhamento fraterno” nessa comunidade: uma garantia contra os erros inseparáveis da vida individual.

4. COMO TUDO COMEÇOU

A ideia da rádio itinerante surgiu na segunda edição do evento *Moringa – Bebendo da Tradição nas Águas da Contemporaneidade*, realizada entre 2 e 3 de novembro de 2007, que contou com a participação de vários integrantes do grupo Ganga Zumba, além de professores, estudantes da UFV, pesquisadores de outras instituições, ONGs, artistas, brincantes das tradições e líderes comunitários. Nesse evento, foi promovida a oficina sobre rádio comunitária intitulada “Vozes da Cultura”, coordenada pela professora de radiojornalismo da UFV, Kátia Fraga, que apresentou conceitos e desenvolveu práticas acerca desse tipo de mídia.

O resultado final da oficina foi a realização de um programa de caráter comunitário – intitulado *Rádio Moringa* – produzido e apresentado ao vivo pelos integrantes da oficina, contemplando as reflexões e ações desenvolvidas durante o evento, incluindo o resultado das demais oficinas. O programa da “Rádio Moringa” foi levado ao ar com apenas três microfones, uma caixa de som, num espaço pequeno, que se tornou acolhedor e emocionante para os participantes do evento por meio das vozes populares ecoadas sob um clima de emoção e troca de saberes.

Foi um momento para exercitar a cidadania por meio do rádio. A concepção e o roteiro foram definidos pelos sete participantes da oficina “Vozes da Cultura”, entre eles o presidente do Ganga Zumba, chamado carinhosamente de seu Pedrinho, que assumiu a apresentação ao lado de outra integrante. Os demais participantes dessa oficina atuaram nas atividades de reportagem, produção e operação de áudio. Os integrantes das demais oficinas foram entrevistados e depois apresentaram o resultado das atividades realizadas em cada grupo.

Na irradiação, todos passaram conhecimento e emoção no conteúdo que contemplava tudo o que foi discutido no II Moringa. Ao fim, sob aplausos, seu Pedrinho declarou, orgulhoso: “nós vamos ter nossa própria rádio para fazer essa troca mágica e importante”.

Para continuar a “mágica e importante” troca de conhecimentos, foi preciso que se fizesse uma parceria entre o curso de Comunicação Social/ Jorna-

lismo da UFV e o Grupo Afro Ganga Zumba, de Ponte Nova, que deu origem ao projeto de extensão “Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afro-brasileira”.

4.1- AS PRÁTICAS DO PROCESSO MIDIÁTICO PARA CIDADANIA

Em 2008, o projeto de extensão desenvolveu encontros de preparação e oficinas na sede do grupo Ganga Zumba, em Ponte Nova, acerca da especificidade de uma rádio itinerante. Entre os temas abordados e discutidos entre os alunos e a professora da UFV e os integrantes do Ganga estavam as características de uma mídia alternativa, a linguagem, as formas de transmissão de mensagens (reportagens, entrevistas etc.).

Era importante, nos primeiros encontros, deixar claro que os objetivos e propósitos da Rádio Itinerante Cultural Palmares se diferenciavam daqueles comumente empregados pela grande mídia. Para isso, foi preciso também discutir o que se queria com a Rádio Itinerante, quais eram os clamores e desejos daquele povo que há muito se organizava e trabalhava para ser ouvido, quais assuntos que eles queriam contemplar nos programas, qual abordagem queriam dar àqueles assuntos e como se organizariam para cumprir não só o papel de receptores das informações, mas também de emissores desse processo comunicativo.

Para capacitar os parceiros envolvidos, foram realizadas oficinas de pauta, de texto radiofônico, de roteiro, de locução, de reportagem, de edição e de entrevista. A cada fim de semana, uma equipe da UFV se encontrava com o grupo Ganga Zumba para juntos aprenderem mais sobre as técnicas do rádio, com exercícios práticos. Como resultado desses encontros e dessas oficinas, produziu-se um programa piloto que foi ao ar no III Encontro Moringa – Bebendo da Tradição nas Águas da Contemporaneidade, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2008. No ano seguinte, o projeto foi aprovado pelo Pibex (Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária), conquistando uma bolsa para um dos estudantes envolvidos. Em 2009, o projeto foi retomado. Num primeiro momento, fez-se uma revisão das técnicas radiofônicas para que se pudesse preparar o primeiro programa da Rádio Itinerante Cultural Palmares.

O processo de estruturação do programa incluiu as rotinas de produção jornalística, desde a definição dos assuntos a serem abordados em cada edição dos programas até a elaboração do roteiro e apresentação do programa. É importante ressaltar que todas as etapas do trabalho foram realizadas de forma coletiva, a partir das propostas de membros da comunidade Ganga Zumba. Os assuntos a serem apresentados nos programas foram sugeridos por eles como temas pertinentes àquela comunidade.

4.2- OS PROGRAMAS

A Rádio Itinerante Cultural Palmares apresentou três programas (outro foi pensado, planejado, produzido, gravado e editado, mas não chegou a ser veiculado por falta de suporte técnico da Prefeitura de Santo Antônio do Grama), nos quais

foram mesclados reportagens, entrevistas e debates, gravados e ao vivo, e também manifestações artísticas.

Todo o processo, desde a produção até a apresentação, foi feito pelos próprios participantes, membros do Ganga Zumba, com suporte operacional da equipe da UFV. Os programas tiveram como tema central a cultura afro-brasileira e o trabalho realizado pelo Ganga, incluindo também informações de interesse da comunidade.

Figura 1: Logomarca da rádio



O primeiro programa foi realizado na praça de Palmeiras, próxima ao Bairro de Fátima, onde está localizada a sede do Ganga. Ele conseguiu conciliar entretenimento, emoção e reflexões acerca da questão afro-brasileira, tudo feito ao vivo, das 10h às 12h. O público presente na praça de Ponte Nova pôde conferir reportagens que trataram da história do Grupo Ganga Zumba e da situação do negro no mercado de trabalho; entrevistas com os principais personagens do Grupo; debate que levantou questionamentos sobre o valor histórico da abolição da escravidão – rememorado no mês de maio – e a situação real do negro no campo profissional e educacional; além de apresentações culturais e homenagem a uma personagem de destaque da comunidade.

Depois estendemos a irradiação para outro bairro de Ponte Nova, o Pacheco, promovendo desse modo uma interação com outras comunidades. Nessa edição ocorreu um debate sobre o lazer na região, uma oficina de reciclagem de brinquedos, além de apresentações artísticas e culturais, como o show do grupo “Amigos da Viola”, formado por violeiros antigos e jovens da cidade de Viçosa.

O terceiro foi realizado em comemoração ao Dia da Consciência Negra, em novembro, na praça de Palmeiras, mesmo local do primeiro programa. As

apresentações culturais de danças afro, grupo de percussão, entre outras atividades, atraíram a atenção de quem passava no local e se aglomerava para acompanhar o programa. As questões da cultura afro-brasileira foram tratadas em entrevistas e manifestações artísticas. Todas as apresentações foram realizadas em praças públicas, contando sempre com o apoio logístico da Prefeitura de Ponte Nova (cadeiras, água, som, tenda).

Nos programas veiculados, foram tratados vários temas importantes para a comunidade a fim de que, a partir da reflexão, fossem buscadas melhorias de vida. Os integrantes do grupo Ganga Zumba, capacitados pela equipe da UFV, atuaram como apresentadores, repórteres, produtores e administradores. Toda a programação foi definida a partir das sugestões deles, por eles e para eles. A Rádio Itinerante possibilitou, por meio das homenagens a personagens da comunidade e das apresentações artísticas, um resgate em áudio da memória coletiva dos guardiões construtores de uma história viva.

5. CONCLUSÃO

O oligopólio dos grupos que controlam a mídia no país resulta num esvaziamento da diversidade na comunicação: sempre os mesmos tipos de programa, com enfoques parecidos e fontes privilegiadas. O posicionamento da mídia tradicional e comercial traz como consequência a valorização dos desejos, opiniões e posicionamento de uma única classe da população brasileira: rica, alfabetizada, branca, urbana, moradora do sudeste do país. Em outras palavras, só é veiculado aquilo que essa classe, que detém a propriedade dos veículos, considera certo, bonito, gerador de lucro.

Para reverter essa realidade, é preciso buscar saídas em mídias alternativas que conseguem, inclusive, se sobrepor à burocracia estatal de concessão de rádios comunitárias. Ao longo deste artigo, discutimos como essa mídia vai de encontro ao modelo convencional e favorece a democratização da comunicação.

A Rádio Itinerante Cultural Palmares, como exemplo de uma mídia alternativa, permitiu colocar no ar gêneros musicais que não são apresentados nas rádios comerciais, comunicar eventos de interesse local que não aparecem nos grandes meios, transmitir outras versões sobre os fatos, constituir uma alternativa ao modelo como se faz comunicação.

Em vez de se pensar em um emissor que envia uma mensagem a um receptor, da mesma forma que ensina o esquema clássico de comunicação, abre-se oportunidade para um hibridismo entre aquele que envia e o que recebe, à medida que ambos estão inseridos num mesmo contexto, compartilham de um mesmo tipo de linguagem e valores, além de se reconhecerem como iguais em todo o processo horizontal e plural.

Ao se constituir como um veículo da comunidade e para a comunidade, a Rádio Itinerante Cultural Palmares se apresentou como um espaço de livre manifestação do pensamento e informação, um direito fundamental para a conquista e manutenção de outros direitos da comunidade.

Seu Pedrinho Catarino, ex-presidente do Ganga Zumba, afirma que a criação da Rádio Itinerante transformou em realidade o que parecia impossível: “Para mim foi uma vitória, era um desejo muito grande fazer uma comunicação informal junto com a comunidade. Fizemos o resgate de coisas com as quais ninguém se importava e reforçamos a história de pessoas que são importantes para nós e não podem ser esquecidas. A Rádio Itinerante tirou a comunidade do anonimato, ela foi extremamente importante por desenvolver a vontade nos integrantes do grupo de dar os primeiros passos no campo da cidadania”.

As irradiações da Rádio Itinerante auxiliam nesse processo uma vez que contribuem para a divulgação de assuntos e temáticas que não são apenas familiares, mas fazem parte da essência do grupo. Esse é o relato da jovem Nádia Rodrigues da Silva Apolinário, integrante do Ganga e da emissora. “A Rádio Itinerante é uma maneira diferente de levar informação às pessoas. Foi a oportunidade de conhecer coisas de que eu não sabia, até mesmo de Ponte Nova. Ter contato com bairros diferentes e conhecer os moradores, a história e construção do bairro. A rádio foi um aprendizado”.

Os integrantes da rádio são unânimes em afirmar que a emissora contribuiu para a difusão da memória e da identidade da comunidade atendida pelo projeto. Um dos exemplos desse resgate identitário foi a definição do nome e da criação da logomarca do veículo, que retrata as raízes afro-brasileiras do grupo. Roberto Sousa idealizou a logomarca da rádio, com o símbolo e as cores do grupo Ganga. Ele explicou como concebeu a arte: “a logo foi baseada na ideia de áudio, por isso coloquei o microfone no lugar da letra l e também usei a onda sonora ligando a UFV ao Ganga Zumba para mostrar que existia uma parceria entre os dois.”

A Rádio Itinerante Cultural Palmares pretendeu fazer ecoar a voz para horizontes mais amplos desse movimento social que há muito se organiza e trabalha para ser ouvido. Mas o desenvolvimento da Rádio Itinerante com o Grupo Ganga Zumba não serviu apenas para a construção, através de uma mídia alternativa, da memória e identidade da comunidade, para que seus integrantes tivessem um canal que veiculasse o que desejavam, mas também foi importante para o protagonismo dos estudantes da UFV no próprio processo de aprendizagem.

Em Ponte Nova, na sede do grupo Ganga Zumba, os conhecimentos aprendidos na Universidade eram repassados aos membros do Ganga. Os estudantes universitários tiveram que desenvolver metodologias para as oficinas, e muitas vezes, essas metodologias foram modificadas da forma como aprenderam em sala de aula, devido às condições do lugar e aos próprios membros do Ganga Zumba. Em contrapartida, os estudantes aprenderam muito com a comunidade pelas discussões e reflexões sobre a cultura negra, as histórias relatadas, as condições de vida e os anseios populares daquela região.

As aulas práticas para os estudantes da UFV não aconteceram só relacionadas às disciplinas de rádio. A construção da Rádio Itinerante foi uma oportunidade de vivenciar os conceitos das disciplinas de Radiojornalismo e Comunicação Comunitária. A transformação de uma comunidade receptora em uma comunidade

emissora de informações concretiza o que se entende de processo comunicativo, uma terceira esfera em que emissores e receptores podem trocar informações e opiniões acerca de um assunto, de forma horizontal, diferente da comunicação unilateral vivenciada pelos veículos de comunicação convencionais.

Mauro Lúcio dos Santos, outro integrante da Rádio Itinerante, afirma que o processo de aprendizado foi recíproco. “A Rádio gerou uma comunicação e um entrosamento entre os grupos UFV e Ganga nas conversas sobre assuntos relacionados à cultura de cada um”. É esse, na verdade, o objetivo dos projetos de extensão: mistura entre saberes acadêmicos propagados na universidade e saberes populares adquiridos na prática.

A construção desse veículo de comunicação apresentou aos alunos de Jornalismo a possibilidade de desenvolver um projeto que difere de modelos de comunicação dominante, excludente, elitista. Com a Rádio Itinerante, esses estudantes aprendem que podem fazer comunicação não só dando voz às pessoas, mas permitindo que elas contribuam com a própria voz, além dos anseios e desejos quase sempre esquecidos pela grande mídia.

Através das atividades radiofônicas, esse movimento popular se apropriou e construiu à sua maneira a forma de participação na sociedade, fomentando cada vez mais o exercício da cidadania de seus membros. Com esse canal de comunicação alternativo, a comunidade passou a ter um espaço de legitimação, de ressonância identitária, cumprindo um papel importante no processo comunicacional de reconhecimento social na consciência coletiva entre o grupo e demais entidades parceiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BENEDICT Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.
- ENNE, Ana Lúcia S.- A intrínseca relação entre memória entre memória, identidade e imprensa. In: *II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, Florianópolis, 2004.
- FRAGA, Kátia. *Laços de família: a construção de uma comunidade de afeto no Programa Jairo Maia*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Niterói, PPGCOM/UFF, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Cidadania, Meios de Comunicação de Massas, Associativismo e Movimentos Sociais. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003. p. 170-202.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KROTH, Maicon Elias. Os sentidos do discurso de um programa de rádio de auditório itinerante. *UNlrevista*, São Leopoldo - RS, v. 1, n. 3, p. 1 - 13, julho. 2006.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

- PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. In: PERUZZO, Cíclia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). *Comunicação para a cidadania*. Salvador: UNEB, 2006. p. 245-264.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. p 3-15.
- PRATA, Nair. História do Rádio em Minas Gerais. In: HAUSSEN, Doris Fagundes e CUNHA, Magda (Org.). *Rádio Brasileiro Episódios e Personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. Cidadania, comunicação e cultura. In: PERUZZO, Cíclia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). *Comunicação para a cidadania*. Salvador: UNEB, 2006. p. 100-114.